

**O TRABALHO PEDAGÓGICO PRESENTE NA BRINCADEIRA DE
PAPÉIS SOCIAIS E A SUA IMPORTÂNCIA PARA O
DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO CRIADORA NO
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**THE PEDAGOGICAL WORK PRESENTED IN THE ROLE PLAY
GAMES AND ITS IMPORTANCE FOR THE CREATIVE
IMAGINATION DEVELOPMENT IN THE CONTEXT OF EARLY
CHILDHOOD EDUCATION**

Marlizete Cristina Bonafini Steinle¹

RESUMO: Historicamente o jogo sempre foi concebido como uma ação infantil sem importância para o adulto, visto como um mero passatempo de criança. Contudo, na atualidade, várias são as pesquisas que buscam discutir a importância do jogo e sua importância na das crianças, bem como discutir metodologias para sua utilização na escola. Assim, são objetos deste estudo a brincadeira e a imaginação criadora na infância. Este estudo tem por objetivo analisar como a brincadeira tem sido compreendida e utilizada pelo professor da Educação Infantil e em que medida ela colabora com o desenvolvimento da imaginação criadora. Para tanto, é verificado como o professor da Educação Infantil organiza seu trabalho docente a fim de estimular o desenvolvimento das funções psíquicas na criança. Depois de detidos momentos de estudo, discussão, reflexão e análise dos pressupostos teóricos referentes à Psicologia Histórico-Cultural, pôde-se concluir que o presente texto contribuirá com a reflexão dos professores da Educação Infantil que reconhecem a importância do jogo e da brincadeira na organização pedagógica, bem como a sua indissociabilidade com a imaginação.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho pedagógico; brincadeira; imaginação criativa.

ABSTRACT: Historically, the game has always been conceived as unimportant child action to adults, it seems as just a mere recreation for the children. However, nowadays, there are several studies that seeks to discuss the importance of games and plays and its importance for the children, as well as discuss methodologies for using that at school. The aim of this study is to analyse how the games has been understood and used by the teachers at early childhood education and its contributions to development of creative imagination. Therefore, it will discuss how teachers organizes their teaching in order to stimulate the superior mental functions development of the child, based on the Historical-Cultural Psychology.

KEYWORDS: Pedagogical work; plays and games; creative imagination.

¹ Mestre em Educação: Professora Assistente da Universidade Estadual Norte do Paraná - UENP e docente da Universidade Norte do Paraná – UNOPAR. E-mail: marlizete@sercomtel.com.br

Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.
(Carlos Drummond de Andrade)

É sabido a todos que a infância e a criança, desde o final do século XX e início do século XXI, passaram a ser temas de pesquisas, estudos e discussões no cenário acadêmico, como também alvo de preocupação das políticas públicas quando, a partir da nova LDB – Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996) a Educação Infantil passa a ser a primeira etapa da Educação Básica, voltada para a educação da criança de zero a cinco anos, deixando de ter um caráter assistencialista e assumindo um caráter educacional.

Refletir a respeito da importância do trabalho pedagógico na Educação Infantil, reconhecendo-o como uma ação mediadora para o desenvolvimento da imaginação criadora, principalmente quando o foco das interações infantis é a Brincadeira de papéis sociais, exige inicialmente a revisão de paradigmas socialmente construídos acerca das concepções e práticas voltadas aos conceitos de imaginação e de Brincadeira.

Historicamente, a humanidade concebeu a Brincadeira como uma ação exclusiva da infância, considerada como passatempo de criança, uma ação sem importância para o adulto, expressão de lazer e da descontração infantil. Como consequência dessa leitura histórica, a escola impediu, durante muito tempo, a presença da Brincadeira dentro da sala de aula, negando desta forma a sua participação na organização do trabalho docente.

Atualmente, a sociedade contemporânea tem repensado concepções e práticas referentes à brincadeira à luz de estudos e pesquisas de renomados teóricos, que se debruçaram sobre essa temática desde o século XVIII. Desse modo, não é mais possível negar a importância dos jogos e das brincadeiras para o desenvolvimento da criança, bem como os benefícios da sua utilização no cotidiano da Educação Infantil. Portanto, o presente artigo tem por objetivo analisar como a Brincadeira tem sido compreendida e utilizada pelo professor da Educação Infantil e em que medida ela colabora com o desenvolvimento da imaginação criadora da criança.

Tal preocupação se justifica quando Arce (2006), ao analisar a concepção de brincadeira contida nos textos do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI – (BRASIL, 1998), afirma que esse documento, organizado pelo MEC e utilizado nacionalmente como “[...] guia para reflexão e orientação do trabalho dos profissionais que

atuam com crianças menores de 6 anos no Brasil” aponta um caráter naturalizante e, de certa forma, alienador da brincadeira (ARCE, 2006, p. 99-100).

Para o RCNEI, a concepção de brincadeira organiza-se na direção de enriquecer a identidade das crianças, uma vez que ao brincarem experimentam diferentes formas de ser e pensar, ampliando suas concepções sobre as coisas e pessoas, desempenhando, através da brincadeira, vários papéis sociais ou personagens. O RCNEI afirma ainda que na brincadeira, as crianças vivenciam a elaboração e negociação de regras de convivência e constroem um sistema de representação ligado a sentimentos, emoções e outras características humanas.

Considerando a base teórica apresentada pela Psicologia histórico-cultural, autores como Elkonim, Vigotsky e Leontiev, dentre outros, diferentemente do aporte teórico presente no RCNEI, discutem a importância do jogo para o desenvolvimento infantil desvinculado de um caráter naturalista, egocêntrico e individual, enfatizando essa atividade segundo uma visão histórico-social e dialética.

Para justificar seu posicionamento, os referidos autores postulam que a infância e o desenvolvimento infantil ocorrem por meio de uma interação íntima e indissociável entre o homem, a educação e a sociedade. Ressaltam, assim, o papel do adulto na completude desse processo e consideram que a criança não se desenvolve de forma natural e espontânea, pois a sua passagem de ser humano natural para ser humano cultural vincula-se ao desenvolvimento histórico da humanidade. Logo, para a Psicologia Histórico-Cultural, o processo de humanização da criança ocorre a partir da mediação intencional do adulto, inclusive nas suas brincadeiras.

Sobre essa questão, Arce (2006) salienta que a psicologia histórico-cultural postula a dialética do processo de desenvolvimento infantil e enfatiza o quanto a brincadeira torna-se conteúdo central para a criança, considerando que a mesma vivencia situações sociais mediadas pela atividade do brincar para poder avançar no seu processo de desenvolvimento. Para a autora:

A passagem de um estágio [de desenvolvimento] para outro é marcado não por uma simples evolução, mas, sim, por uma revolução que trará mudanças qualitativas na vida da criança. Este processo não pode ser assepticamente separado da inserção da criança na sociedade e do efeito que esta produz em seus interesses, motivações e em seu desenvolvimento intelectual (ARCE, 2006, p. 107).

Ao se analisar a afirmação de Arce (2006), é possível inferir que a brincadeira de papéis sociais, por exemplo, é uma atividade infantil que leva a criança a

interagir com seus pares de forma qualitativamente diferenciada e, por meio dessa interação, a criança apropria-se da cultura humana.

A respeito do papel da brincadeira no processo de desenvolvimento da imaginação, Vigotsky (1984) comenta que é na brincadeira e por meio da imaginação que a criança tem a possibilidade de realizar atividades presentes no mundo do adulto, as quais deseja fazer, mas, lhe são impossíveis em função da sua pouca idade. Assim, é somente por meio da imaginação que a criança tem a possibilidade de representar ações do mundo do real que lhe são impedidas. Dessa maneira, fica evidente que o Brinquedo “[...] é muito mais a lembrança de alguma coisa que realmente ocorreu do que a pura imaginação” (VIGOTSKY, 1998, p. 117).

Frente ao exposto defende-se a brincadeira como possibilidade educativa essencial na educação infantil e voltada a construção da imaginação e criatividade das crianças e, simultaneamente, defende-se a superação de visões conservadoras que reconhecem o brincar da criança na escola como mero passatempo, sem importância na sua formação humana.

No que se refere a compreensão da imaginação como uma função psicológica superior, a fim de esclarecer os equívocos conceituais, Vigotsky (2009, p. 14) afirma que a humanidade, no decorrer de sua história, delegou dois sentidos ao conceito de imaginação. O primeiro relacionado aos devaneios, ao mundo dos sonhos, à fantasia e aos aspectos irrealis; não havendo, dessa forma, a possibilidade de haver um “significado prático sério” a respeito do conceito de imaginação.

No entanto, contextualizar a imaginação em um plano próximo ao delírio é um enorme equívoco, pois impede o reconhecimento de que todos os objetos encontrados na sociedade contemporânea foram e continuam sendo construídos pelas mãos humanas, característica principal que diferencia o homem do mundo da cultura do homem do mundo da natureza. Nesse contexto, buscamos Vigotsky (2009, p. 20) quando o mesmo nos afirma que “[...] a imaginação não é um divertimento ocioso da mente, uma atividade suspensa no ar, mas, uma função vital necessária”.

O segundo sentido dado à imaginação pela humanidade, e referido por Vigotsky (2009), é o de que a imaginação pertence apenas a algumas pessoas, os ditos talentosos, ou seja, pessoas que criam grandes obras. Acerca dessa característica da imaginação, o autor argumenta que qualquer invenção, antes de realizar-se de fato, foi erigida

na mente, por meio de combinações ou correlações imaginativas e que essa possibilidade existe para todo ser humano.

Frente a essa afirmativa é incorreto pensar que a imaginação é uma dádiva de alguns seres humanos. Ao contrário, ela deve ser reconhecida cada vez mais como uma condição necessária à sobrevivência humana, uma vez que, segundo a Psicologia Histórico-Cultural, ela é uma das funções psíquicas fundamentais, fato que a retira da condição de exceção ou privilégio de alguns e a transforma em regra necessária, possível e acessível a todos em processo de desenvolvimento integral.

A fim de que a imaginação seja desenvolvida, não basta reconhecer que ela é uma função psíquica pertencente a todos os indivíduos, é necessário que a criança seja estimulada a participar de diferentes interações sociais e culturais, pois essa é uma condição ímpar para que ocorra o processo combinatório entre fantasia e realidade, consolidando-se, assim, a imaginação por meio da criação e construída nas relações sociais.

Considerando a Psicologia Histórico-Cultural, reconhecemos o quanto a imaginação, combinada com outras funções psicológicas superiores como a memória, a atenção, percepção, dentre outras, cria as condições para a efetivação de capacidades criativas qualitativamente diferenciadas junto às crianças, considerando, é claro, todo o processo de apropriação cultural dos indivíduos ao longo de sua história de relações e apropriações culturais.

Vigotsky (2009) salienta a existência de relação significativa entre a realidade, imaginação e criatividade das crianças, considerando que toda criação humana deve ser reconhecida como síntese de relações e apropriações culturais e que imaginação, assim como a criatividade humanas se constituem a partir de elementos tomados da realidade social e histórica, conteúdos que encontram-se armazenados na memória. Esse fato evidencia que tais elementos (memória e imaginação) estão presentes nas experiências anteriores das pessoas (VIGOTSKY, 2009).

Diante dessa compreensão, é possível inferir que todo processo de imaginação infantil só pode ocorrer com base nas experiências sociais vividas e apropriadas pela criança, experiências provenientes do universo real da criança e das suas relações com as pessoas e com os objetos culturais à sua volta.

A respeito do conceito de imaginação, Vigotsky (2009, p. 14-15) esclarece:

a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura,

diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia. [...] Podemos dizer que todos os objetos da vida cotidiana, sem excluir os mais simples e comuns, são *imaginação cristalizada*. (VIGOTSKY, 2009, p. 14-15, grifos do autor)

A afirmação de que todos os objetos presentes no cotidiano representam a materialização humana da “imaginação cristalizada” calca-se na compreensão de dois princípios básicos: primeiro, tanto a realidade quanto a fantasia possuem características próprias de ser; segundo, tanto a realidade como a fantasia não são inerentes à natureza humana, mas, ambas são construídas historicamente nas relações sociais.

Vigotsky (2009) considera incorreto explicar a existência da imaginação na mente humana por meio da separação entre fantasia e realidade. Na tentativa de esclarecer que a imaginação é a base da criação humana, Vigotsky (2009) considera fundamental apresentar as quatro formas de relação entre fantasia e realidade presentes no comportamento humano, as quais serão explicadas a seguir.

A IMAGINAÇÃO CONSTRÓI-SE SEMPRE DE ELEMENTOS TOMADOS DA REALIDADE

Como se pode ver, uma forma de relação existente entre a fantasia e a realidade é a brincadeira das crianças, pois, por mais que as suas representações tenham características fantásticas, tais como o cachorro que fala, o amigo imaginário, o cavalo que voa, os super poderes dos heróis e outros, todas essas representações fantásticas remetem-se a personagens da realidade, tais como o cachorro, o amigo, o cavalo, as pessoas, os quais possuem como diferencial apenas características do mundo fantástico (imaginário). Desse modo, é possível afirmar que as crianças buscam na própria realidade os elementos para as suas criações fantásticas, de modo que essas criações, materializadas na imaginação infantil, são consideradas como a síntese de modificações e reelaborações de memórias e vivências da realidade infantil.

Vigotsky (2009, p. 20) complementa seu pensamento afirmando que tudo isso ocorre porque a primeira forma de relação entre a fantasia e a realidade está subordinada à seguinte lei: “[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia”.

Nesse sentido, não se pode deixar de salientar a importância do papel do professor da Educação Infantil, como mediador das múltiplas interações da criança na escola

e como promotor de ricas e significativas experiências e apropriações culturais. Assim, quanto mais a criança for colocada em situações que a levem a explorar objetos por meio da manipulação, da compreensão de sua função e utilidade social, assim como na apropriação da literatura nos momentos de contação de histórias, ou ainda em brincadeiras de jogos de papéis sociais, jogos de dramatização, entre outros, tanto maior será o seu processo de apropriação e objetivação cultural e, por conseguinte, tanto mais qualitativa será a sua atividade imaginativa e criativa.

Vigotsky (2009) defende brilhantemente essa primeira forma de relação entre a imaginação e a realidade ao esclarecer que é incorreto dizer que a criança é um ser muito criativo. Tal justificativa fundamenta-se no fato de a criança apresentar pouca experiência social e, portanto, possuir no início de sua vida, um singelo domínio da cultura. Tudo isso ocorre como consequência de sua pouca idade e das limitadas possibilidades de apropriação dos objetos culturais materiais e simbólicos construídos pela humanidade.

Diante deste fato, reforça-se cada vez mais a necessidade de haver um trabalho docente no contexto da Educação Infantil que promova múltiplas interações da criança com o seu meio e com os seus pares, além de amplas possibilidades de apropriação cultural, uma vez que é impossível reorganizar ou reelaborar a realidade por meio da imaginação daquilo que ainda não se conhece ou não se viveu, nem mediante a experiência alheia, ou seja, cada criança precisa ter oportunidades sociais de poder se desenvolver e construir sua imaginação e criatividade.

A ARTICULAÇÃO ENTRE O PRODUTO FINAL DA FANTASIA E O FENÔMENO COMPLEXO DA REALIDADE

A fim de explicar essa outra forma de relação entre a fantasia e a realidade, Vigotsky (2009, p. 25) afirma que “[...] há uma dependência dupla e mútua entre imaginação e experiência. Se no primeiro caso a imaginação apóia-se na experiência, no segundo é a própria experiência que se apóia na imaginação”.

Vigotsky (2009) destaca a importância das interações entre pessoas na promoção do desenvolvimento das funções psíquicas. Nesse momento vale salientar que o presente texto dirige-se para o professor de Educação Infantil, haja vista ser ele o porta-voz de inúmeras experiências sociais e culturais ainda não vivenciadas pela criança.

Essa mediação materializa-se quando o trabalho docente é organizado para transmitir às crianças conhecimentos historicamente construídos e acumulados pela humanidade, enfatizando a brincadeira como atividade principal do processo de

desenvolvimento da criança, utilizando-se para isso: contação de histórias, observação, desenho e pintura de obras de artes, exibição de vídeos, audição de músicas, representação de personagens de histórias, dentre outras atividades que possibilitem a criança apropriar-se de objetos culturais diferenciados e diversificados na escola.

Desse modo, o professor da Educação Infantil, de posse de sua experiência pessoal e conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento infantil, estimulará a imaginação de seus alunos, dentre outras funções psicológicas superiores, os quais assimilarão conhecimentos científicos, obras artísticas e literárias e outros objetos culturais necessários ao seu desenvolvimento multilateral, isso tudo através do trabalho educativo realizado pelo professor na escola.

Acerca desse aspecto Vigotsky (2009, p. 25) argumenta que

A imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal.

É interessante notar o quanto as crianças adentram na vida dos personagens de histórias, imitam seus super-heróis, vivenciam no plano da imaginação a vida de príncipes e princesas, representam as personagens de forma intensa na atividade do brincar e, para isso, torna-se necessário criar condições reais de apropriação de conteúdos culturais essenciais que possibilitem essas condições as crianças na escola. Frente a isso, é importante salientar que a escola de Educação Infantil deve ter a possibilidade da transmissão de conteúdos (artísticos, científicos e culturais) como o princípio norteador da sua função, sem negligenciar, obviamente, os cuidados para com a criança.

Defende-se, portanto, a existência e consolidação de escolas de Educação Infantil que promovam práticas educativas que possibilitem às crianças alternativas diferenciadas de apropriação, que avancem às apropriações presentes no seu cotidiano, lançando as crianças às esferas culturais qualitativamente diferenciadas e que priorizem os objetos culturais mais desenvolvidos e presentes nas ciências, nas artes, na literatura, na história, dentre outras objetivações humano-genéricas (HELLER, 1978).

A RELAÇÃO ENTRE A ATIVIDADE DE IMAGINAÇÃO E A REALIDADE É DE CARÁTER EMOCIONAL

Vigotsky (2009, p. 23-28), na tentativa de explicar o caráter emocional existente na relação entre a fantasia e a realidade, elucida que a emoção manifesta-se de dois

modos: “a) Lei do signo emocional comum; b) Lei da realidade emocional da imaginação. [...] Enquanto no primeiro caso, os sentimentos influem na imaginação, nesse outro, inverso, a imaginação influi no sentimento”.

Diante da afirmação de Vigotsky surge uma grande indagação: de que forma o professor da Educação Infantil tem organizado seu trabalho docente a fim de promover momentos em que a criança ora possa externalizar seus sentimentos em atividades de imaginação criadora, ora permita que a imaginação de outros influenciem seus sentimentos?

Para que essas duas formas de manifestação de sentimentos sejam vivenciadas pelas crianças é fundamental que o professor privilegie em seu trabalho docente o princípio da autonomia, vivenciada na liberdade da expressão artística. Vale dizer que, ao se fazer a defesa da liberdade de expressão da criança, em hipótese alguma se defende a criação infantil espontânea, na qual a criança faz o que quer, do jeito que quer, transformando as experiências artísticas em simples manipulação de materiais, ao invés de materializar sua emoção em meio à imaginação criadora.

Nesse sentido, o professor da Educação Infantil deve promover diferentes experiências artísticas que levem a criança a dramatizar, pintar, modelar, esculpir, representar, entre outros, tomando como referência os objetos da arte universal. Isso a fim de que, além de a imaginação infantil ser afetada por seus sentimentos, também os sentimentos, oriundos da relação da criança com os diferentes objetos e gêneros artísticos, poderão influenciar o processo de imaginação infantil.

Somente dessa forma a Educação Infantil ultrapassará a barreira do espontaneísmo e adentrará o universo do ensino, constituindo-se em escola, cumprindo, portanto, o seu papel educacional na sociedade e na formação integral da criança.

Para Sforni (2004, p. 23), reconhecer o papel de ensino pertencente à escola requer a compreensão de que

O ensino escolar não é apenas um direito do cidadão, ou apenas necessário à formação para o trabalho; nem se destina a desenvolver resistência ou adequação do indivíduo à sociedade; mas é condição para a aquisição de instrumentos cognitivos que permitam o trânsito consciente no interior da sociedade em que está inserido, é o meio de se adquirir competência no uso de signos, códigos e instrumentos desenvolvidos socialmente.

Conforme Arce (2009), desmistificar a “cultura da espera”, a qual pregava que a criança era apta para aprender somente depois dos sete anos, quando adentrasse o universo do Ensino Fundamental, vai muito além de crenças e “achismos”. Antes é necessário construir um alicerce teórico que embase adequadamente as concepções e as práticas do

professor da Educação Infantil, principalmente no que diz respeito ao ensino voltado para o brincar e o imaginar.

A IMAGINAÇÃO CRISTALIZADA TORNA-SE REALIDADE

Para explicar a relação entre a fantasia e a realidade, Vigotsky (2009, p. 29) afirma que “a imaginação ao ser externamente encarnada, ao adquirir uma concretude material, essa imaginação “cristalizada”, que se fez objeto, começa a existir realmente no mundo e a influir sobre outras coisas”.

Diante desse contexto, a imaginação cristalizada pode ser observada nos diversos objetos criados pela humanidade para suprir as suas necessidades, tais como: fogão, geladeira, carro, avião, televisão, computador e outros. No entanto, é evidente que a imaginação cristalizada está presente tanto nas grandes invenções como nas mais singelas, visto que a imaginação é uma função psíquica que deve ser estimulada desde a mais tenra idade.

Assim, cabe ao professor da Educação Infantil compreender que toda criação pueril, seja ela feita por desenhos, esculturas, modelagens, dramatizações, reciclagens ou outro, por mais incompreensíveis que pareçam aos olhares dos adultos, é a materialização da imaginação da criança, pois toda criança diante da sua criação sempre tem uma resposta quando a pergunta é: o que é isso? O que você criou? Essa atitude revela que as criações infantis por mais simplistas que sejam também são compostas por dois fatores, os “intelectuais e os emocionais” (VIGOTSKY, 2009, p. 16).

Para a criança, todas as suas criações têm um significado, mesmo que o observador (adulto) não encontre uma lógica na obra do criador (criança). Para explicar esse aspecto da imaginação, nos apoiamos em Vigotsky (2009, p. 28-30) quando o autor indica que “[...] tanto o sentimento quanto o pensamento movem a criação humana. [...] Todas as formas de imaginação criativa contêm em si elementos afetivos”.

Ao se refletir a respeito das quatro formas de relação existentes entre a fantasia e a realidade presentes no comportamento humano, pôde-se compreender que a imaginação criadora ao ser considerada pela Psicologia histórico-cultural como uma das funções psíquicas do ser humano deve ser estimulada em todas as idades.

Ao tratar mais especificamente da imaginação criadora na infância Vigotsky (2009) ressalta que a imaginação, nessa fase do desenvolvimento humano, manifesta-se melhor no cotidiano das crianças por meio de atividades que envolvem a brincadeira. Assim,

as brincadeiras em que a menina brinca de escolinha e imagina ser sua professora, o menino brinca com uma tampa de panela e imagina dirigir o carro do seu pai, a menina é uma cabeleireira, uma médica, uma dentista ou uma estilista, o menino é um policial, um bombeiro ou um super-herói representam a maior prova da criação infantil.

É importante ressaltar que, embora a brincadeira infantil seja materializada pelas crianças e contenha, de forma marcante, a imitação e a reprodução das ações presentes na vida real do adulto, ela não pode ser considerada como uma cópia ou um eco das recordações sociais vividas pela criança. Ao contrário, a brincadeira deve ser considerada como “uma combinação dessas impressões e baseada nelas a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança” (VIGOTSKY, 2009, p. 17).

Para Vigotsky (2009), tudo isso ocorre devido à existência da atividade relacional presente no processo de imaginação e utilizada pela criança durante as brincadeiras de jogos de papéis sociais. Desse modo, ao se observar uma criança brincando, pode-se identificar perfeitamente em seu enredo uma grande semelhança entre as representações fantásticas da brincadeira e as suas vivências sociais do mundo real. Logo, a própria combinação do mundo real como o mundo imaginário (atividade combinatória da imaginação) caracteriza a criação de algo novo criado pela criança, e não a simples imitação ou mesmo reprodução de uma situação real vivida por ela.

Possuir apenas a capacidade de imitar ou reproduzir as ações de outros com certeza impediria o ser humano de ser criativo e o tornaria apenas um reproduzidor do passado, sem a possibilidade presente de construir o futuro. Diante disso, Vigotsky (2009, p. 16) afirma que “é essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação”.

Entendemos, a partir do exposto aqui, que a brincadeira é uma das bases para o desenvolvimento da imaginação infantil à medida que a criança utiliza-se da combinação do velho/novo, real/imaginário para entender o mundo ao seu entorno.

A respeito desse aspecto imaginário contido na brincadeira, Arce (2004, p. 18) comenta que

No jogo a criança não só se envolve em vários papéis (médico/doente, professor/aluno, mãe/pai/filho, motorista/passageiro/cobrador, etc.) como também apreende o caráter das relações que protagoniza em seus jogos, buscando assim entender a realidade.

Vale dizer que a necessidade de compreender o caráter das relações protagonizadas pela criança em suas brincadeiras surge a partir das mudanças na

personalidade infantil. Por conseguinte, manipular objetos como os adultos manipulam e imitar ações manifestadas pelos adultos em suas relações sociais já não suprem mais o desejo da criança de aproximar as suas interações daquelas interações protagonizadas pelos adultos no mundo real.

Para Martins (2006 apud ARCE, 2006, p. 42),

A brincadeira de papéis influencia decisivamente o desenvolvimento global da criança. Ao brincar, ela aprende a ser e a agir diante das coisas e das pessoas, pois, é a partir das ações práticas realizadas que os processos internos se estruturam, orientando outras ações práticas, mais autônomas e complexas, que enriquecerão os passos internos e assim sucessivamente. Portanto, as brincadeiras infantis destacam-se no vasto campo social que circunscreve a vida da criança e que representa a base do desenvolvimento de todos os atributos e propriedade humana.

Diante disto, fica evidente que ninguém recria ou reinventa o que não conhece, o que não viveu, mesmo que seja por meio das experiências alheias. Isso tudo salienta a importância das relações humanas no processo de humanização infantil.

Para referendar esse pensamento, Elkonin (1998) ressalta que uma das formas de fazer com que as interações humanas se concretizem e, assim, favoreçam o desenvolvimento da imaginação criadora ainda na infância, é o envolvimento do adulto nos jogos protagonizados ou jogos de papéis sociais, pois

A origem do jogo protagonizado possui uma relação genética com a formação, orientada pelos adultos, das ações com os objetos na primeira infância. [...] Nos objetos não se indicam diretamente os modos de emprego, os quais não podem descobrir-se por si sós pela criança durante a simples manipulação, sem a ajuda nem a direção do adulto, sem um modelo de ação. O desenvolvimento das ações com os objetos é o processo de sua aprendizagem sob a direção imediata dos adultos. (ELKONIN, 1998, p. 216).

Ao analisar a fala de Elkonin (1998), evidencia-se que os jogos de papéis sociais e a imaginação criadora só acontecem por meio das experiências sociais vividas pelas crianças. Essa inferência comprova que a imaginação não é uma ação alienada do mundo real, mas a busca insaciável da criança por compreender o mundo real que está a sua volta. Por outro lado, ela esclarece que a Brincadeira não é uma atividade biologicamente adquirida; todavia, é uma atividade histórica e socialmente construída por meio das interações das crianças com os adultos.

Ocorre, porém, que a qualidade dessa vivência social não se garante pelo simples fato de a criança brincar. A brincadeira, tanto quanto qualquer outra experiência social requer a mediação do adulto, que assume um papel organizativo na trajetória de apropriações realizadas pela criança. É por meio desta mediação que ela, ao brincar, integra física, emocional e

cognitivamente a complexa atividade social. (MARTINS, 2006 apud ARCE, 2006, p. 40).

Contudo, pela falta de conhecimento teórico a respeito da importância do papel mediador do professor de educação infantil frente às atividades lúdicas realizadas com as crianças da primeira infância, infelizmente muitas vezes os momentos lúdicos organizados para as crianças resumem-se em longos períodos de ociosidade, momentos em que o professor espera que a criança brinque livremente, tome iniciativas de forma espontânea (ELKONIN, 1998, p. 211).

Acerca dessa interpretação equivocada da participação do adulto com a criança durante as atividades lúdicas, Elkonin (1998, p. 211) esclarece:

A forma fundamental é a de atuarem em conjunto crianças e adultos a fim de, paulatinamente, estes transmitirem àquelas os modos planejados pela sociedade para utilizar os objetos. Nesse trabalho conjunto, os adultos organizam em conformidade com um modelo as ações da criança, e em seguida estimulam e controlam a evolução de sua formação e execução.

Desde modo, admitimos o quanto a brincadeira de forma geral, sobretudo até o final da idade pré-escolar, interfere decisivamente no desenvolvimento global da criança. Assim, quando a criança brinca, ela aprende a agir com diferentes objetos sociais e a se humanizar na interação com diferentes pessoas. Nesse complexo processo de desenvolvimento psíquico, evidencia-se a importância do papel do adulto na mediação da construção infantil e de sua trajetória de apropriação e objetivação de novos conhecimentos com a finalidade de constituir-se humano.

Martins (2006 apud ARCE, 2006, p. 42), sobre a questão da brincadeira, destaca que essa desempenha funções fundamentais no processo de desenvolvimento da criança, operando na formação global dos processos psicológicos superiores tais como a atenção, memória, linguagem, pensamento, imaginação, sentimentos, dentre outros, bases imprescindíveis sobre as quais se edifica a personalidade humana.

CONCLUINDO AS REFLEXÕES RETOMO VYGOTSKY...

Ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade.
(VYGOTSKY, 2009)

E salientamos que contextualizar o papel do professor da Educação Infantil no processo de desenvolvimento da imaginação criadora, tendo como pano de fundo as

brincadeiras infantis, não é uma tarefa simples, principalmente quando a base teórica da reflexão pauta-se nos pressupostos teóricos da Psicologia Histórico-Cultural.

Apesar de as crianças tornarem-se personagens principais nos enredos em que o cenário é a educação, ainda é utópico o reconhecimento dos direitos referentes à infância. Nesse contexto, vale ressaltar que a Educação Infantil não deve ter como objetivo somente atender às necessidades da mãe trabalhadora, mas também ajudar as famílias a promoverem o desenvolvimento global das crianças em um ambiente educacional de qualidade. Infelizmente, em muitos casos, essa realidade ainda é apenas um desejo.

No entanto, um novo caminho começa a ser trilhado e construído passo a passo. O que o torna relevante é a possibilidade de ser trilhado juntamente com muitos outros profissionais envolvidos com a educação para a infância, igualmente preocupados em fazer da Educação Infantil a primeira modalidade de ensino, abandonando, para isso, os ranços de um atendimento assistencial, o qual tinha apenas a obrigação de guardar as crianças e em que a brincadeira e a imaginação eram tratadas de forma circunstancial e sem o devido entendimento teórico-científico.

Assim, afirmamos que vários são os fatores que favorecem o processo de aquisição e de apropriação teórica, o qual é necessário à ressignificação de concepções e práticas referentes aos conceitos de imaginação e de Brincadeira. Quais sejam:

✓ O reconhecimento da brincadeira como uma ação importante para o desenvolvimento da criança e a permissão dada à criança para que brinque livremente não garantem ao professor o seu papel mediador e à criança o seu processo de humanização, uma vez que a brincadeira não se constitui de forma natural na criança, mas por meio das interações sociais e culturais de que ela participa.

✓ A inclusão de jogos e brincadeiras no trabalho docente exige do professor a compreensão de que a criança pequena utiliza a manipulação para suprir suas necessidades de apropriar-se de novos conhecimentos. Nesse momento, o seu interesse está voltado para saber “o que é” e “para que serve” o objeto utilizado pelos adultos. Por isso, a criança pega, joga, chupa, aperta ou bate todos os objetos por ela manipulados, associando os nomes dos objetos à função exercida por cada um deles. Vale ressaltar que a criança só poderá armazenar em sua memória todas essas informações se elas forem ditas por outra pessoa, iniciando-se, assim, a comunicação verbal do infante. Portanto, incluir a ludicidade na organização do trabalho docente não se restringe à construção de espaços com diferentes brinquedos e objetos para

serem manipulados pelas crianças, mas envolve também o estabelecimento da presença ativa do professor nas interações em que a criança possa vir a construir.

✓ A superação dos interesses gerados pelas brincadeiras manipuláveis do mundo objetal e a inserção de papéis sociais no universo da brincadeira exigem um novo interesse manifesto pelas crianças, o interesse por se relacionar com as pessoas. Nesse momento, o desafio posto para os infantes é representar situações do mundo real do adulto que lhe são impedidas, como dirigir, cozinhar, costurar. Nesse jogo, além de manipular objetos e imitar os adultos, a criança busca saber o que os adultos sabem, busca desenvolver formas de conduta e o seu próprio comportamento afetivo. Infelizmente, poucos são os momentos em que a criança utiliza as brincadeiras de papéis sociais no seu cotidiano para adquirir tais conhecimentos. Em muitos casos, as escolas para a infância ainda encontram-se presas a um dualismo metodológico em que ora a brincadeira é livre, ora a brincadeira é pedagogizada tendo como único fim ensinar conteúdos acadêmicos impostos pelo currículo.

✓ Relacionar a brincadeira à imaginação pressupõe compreender a indissociação entre fantasia e realidade, pois ambas têm como base de desenvolvimento as interações sociais e culturais da criança. Assim, tanto na brincadeira como na imaginação, tanto na fantasia como na realidade, identificam-se cenas, enredos, histórias e personagens, muitas vezes pertencentes ao mundo real. Nesse contexto, é possível verificar que, ao representar na brincadeira e ao materializar a imaginação criadora, a criança busca inspirações nas suas vivências e conhecimentos anteriores. Para isso, ela articula ações combinatórias entre fantasia e realidade.

✓ A promoção de situações que estimulem a imaginação criadora não significa apenas contemplar tempo e espaço na organização docente em que é permitido à criança manipular diferentes materiais artísticos, científicos e culturais, mas, sim, estimular a função psíquica da imaginação criadora pela via da apropriação cultural, promovendo, dessa forma, o desenvolvimento multilateral da criança.

Por fim, é importante ressaltar que a respeito dessa perspectiva, refletir acerca do papel do professor da Educação Infantil diante de questões tão importantes para infância, como a brincadeira, a apropriação dos objetos culturais e a imaginação e criatividade, gera a necessidade de desvendar também qual é o compromisso e o envolvimento do professor com as crianças, suas famílias e a comunidade escolar.

Desse modo, se ensinar na Educação Infantil deixou de ser simplesmente guardar-cuidar e passou a ser cuidar-educar, isso pressupõe princípios e conceitos os quais

devem reger a ação docente e responder às seguintes perguntas: que aluno eu quero formar?; que ensino eu quero promover?; que escola eu quero construir?; que sociedade eu quero compor?; com que pessoas eu quero conviver?; que humanidade espero auxiliar a edificar?

Assim, crê-se que olhar para a criança como sujeito desse processo seja o início da caminhada, de modo que as ações docentes não deixem de contemplar as especificidades e as necessidades dos alunos, respeitando principalmente o seu direito de brincar e de imaginar criando.

Acredita-se, então, que este texto oferece contribuições para que os leitores interessados em avaliar a realidade atual da escola de educação infantil, principalmente no que diz respeito às possibilidades de construção da imaginação criadora junto às crianças, possam refletir sobre a importância das práticas pedagógicas, principalmente aquelas, engendradas pelo professor e que valorizam a atividade do brincar da criança, considerando que nessa atividade a criança encontra as condições para poder se apropriar do mundo adulto e dos objetos culturais construídos pela humanidade, principalmente as artes, a ciência, a literatura, dentre outros objetos culturais essenciais ao seu processo de desenvolvimento e humanização. Esse é o desejo.

REFERÊNCIAS

ARCE, A. O jogo e o desenvolvimento infantil na teoria da atividade e no e no pensamento educacional de Friedrich Froebel. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 24, n. 62, p. 9-25, abr. 2004.

_____. A brincadeira de papéis sociais como produtora de alienação no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. In: DUARTE, N. (Org.). *Brincadeira de papéis sociais na Educação Infantil: as contribuições de Vigotsky, Leontiev e Elkonin*. São Paulo: Xamã, 2006.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ELKONIN, D. B. *Psicologia do jogo*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARTINS, L. M. A brincadeira de papéis sociais e a formação da personalidade. In: ARCE, A.; DUARTE, N. (Org.). *Brincadeira de papéis sociais na Educação Infantil: as contribuições de Vigotsky, Leontiev e Elkonin*. São Paulo: Xamã, 2006.

SFORNI, M. S. de F. *Aprendizagem conceitual e a organização do ensino: contribuições da teoria da atividade*. Araraquara: JM Editora, 2004.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores*. Trad. Zoia Prestes e Voobrajenie e tvortchestvo v detskom vozraste. São Paulo: Ática, 2009.

_____. LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

Recebido em dezembro de 2012

Aprovado em março de 2013